

## **DOCÊNCIA E “EDUCAÇÃO CORPORAL”**

Ana Carolina Biscalquini Talamoni

Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência.

Faculdade de Ciências. UNESP, Bauru.

Eixo 7 – Dimensão cultural na formação de professores

Apoio Capes

### **Resumo**

O presente trabalho pretende discutir resultados de pesquisa que objetivaram investigar as representações corporais articuladas por professores do ensino fundamental, situando suas origens culturais e históricas, e também apontar para as possíveis implicações destas concepções para a aprendizagem do tema “corpo humano” no âmbito da educação e mais especificamente, no ensino de ciências. Inúmeras pesquisas têm sido realizadas com o intuito de situar o corpo no processo educativo, questionando as conseqüências da prevalência de certas representações, como as cartesianas, na formação (ou formatação) dos indivíduos. Por outro lado, a presente pesquisa aponta para o fato de que, ao lado das representações cartesianas, também prevalecem no ensino representações metafísicas/religiosas acerca do corpo, colocando o aluno em contato com concepções que em última instância desqualificam o corpo em termos de percepção, alienam os aspectos subjetivos a partir dos quais desenvolve-se a corporalidade, fazendo imperar a idéia de um corpo “objeto” desprovido de humanidade e portanto, de difícil reconhecimento e assimilação por parte dos alunos.

### **Introdução**

Diversas são as maneiras e os olhares através dos quais o Homem, desde os primórdios da civilização, vem tentando compreender o corpo humano. Sendo a pluridimensionalidade uma característica intrínseca do corpo, percebe-se, das discussões filosóficas estabelecidas ainda na Grécia antiga aos olhares

religiosos da Idade Média, a preocupação do homem em situá-lo no desenvolvimento da vida e do conhecimento, no estabelecimento das relações do ser humano com a natureza e com os outros homens.

Para além dos conhecimentos produzidos pelas ciências biológicas e pela própria medicina, é possível observar que o corpo também tem sido o objeto de estudos, análises e reflexões das mais diversas disciplinas científicas, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a história, dentre outras. O problema do estudo e da compreensão do corpo reside justamente na eleição, pelas disciplinas científicas, de uma determinada dimensão ou de um determinado aspecto sobre o qual se aprofunda o conhecimento, em detrimento de outros. Aliado a esta dificuldade, também é necessário considerar o caráter extremamente generalista e ao mesmo tempo intimista de todo estudo que se pretenda, já que o corpo humano é um corpo geral, universal, que, no entanto, só pode ser por mim representado, a partir de meu próprio corpo.

O fato é que o corpo, objeto de estudo das ciências biológicas e humanas, para além de sua importância enquanto fonte (ou objeto) do conhecimento científico ocupa na vida individual e coletiva, um “lugar singular”, ou melhor, ele é o lugar singular a partir do qual compreendemos o mundo, interagimos com ele. É a base para o desenvolvimento da noção de “Eu”, para a constituição das identidades e, portanto, é sobre o corpo que as diversas formas de poder presentes nas sociedades irão investir.

Estes são alguns dos motivos pelos quais este tema específico - o corpo – torna-se cada vez mais fundamental nas discussões em educação, pois dedicamos a ele uma preocupação constante, desenvolvemos uma série de cuidados, e tendemos a aderir a uma série de comportamentos e hábitos corporais. Comportamentos estes que são reiterados pela mídia, e de forma generalista, pela própria cultura na qual estamos inseridos. É possível observar nas sociedades ocidentais contemporâneas, uma crescente valorização das condições corporais e da forma como este corpo se apresenta, pois corpo e identidade têm sido compreendidos como equivalentes, e a aparência, um aspecto fundamental a ser aprimorado com vistas à “socialidade” dos indivíduos (MAFFESOLI, 2005). Múltiplos discursos vêm sendo produzidos acerca do que seja um corpo ideal, saudável e

produtivo, sendo que as configurações possíveis do corpo têm sua proeminência justamente porque se traduzem em identidades possíveis.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, (BRASIL, 1998a) para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (quinta a oitava séries), o tema “corpo humano” é contemplado no âmbito das Ciências Naturais e também nos Temas Transversais em: “Pluralidade Cultural”, “Saúde” e “Orientação Sexual”. No ensino das ciências naturais, poderá ser abordado no eixo temático “Ser Humano e Saúde”, sendo que este é orientado por uma concepção integrada do corpo, ou melhor, “um sistema integrado de outros sistemas”, que interage com o ambiente e que reflete a história de vida do sujeito. Nos temas transversais o corpo é tema a ser contemplado em diferentes eixos temáticos. Em “Pluralidade Cultural: Linguagens e Representações” é referendada a importância de se considerar a relevância da linguagem corporal bem como os meios de comunicação artísticos, porque estes relacionam-se com a cultura dos indivíduos e dos agrupamentos sociais porque o corpo é um “meio de comunicação por excelência” (BRASIL, 1998 b, p. 133).

O documento faz insistentes alusões à importância de se considerar os aspectos sociais e culturais implicados na “construção da percepção do corpo”, promovendo o questionamento da imposição de certos padrões de beleza veiculados pela mídia, visando “auxiliar os alunos a construir uma postura crítica ante os padrões de beleza idealizados, que não correspondem à realidade, estando a serviço do consumismo” (BRASIL, 1998 b, p. 317-318). A abordagem do tema “corpo humano” de forma mais ampla, considerando as dimensões biológica, psicológica e social do mesmo, buscaria favorecer, segundo os PCNs, a apropriação do próprio corpo pelos adolescentes, assim como “contribuir para o fortalecimento da auto-estima e conquista de maior autonomia, dada a importância do corpo na identidade pessoal (op.cit p. 318).

### **Problemática e objetivos da pesquisa**

Tendo em vista o caráter formativo da escola e da educação, e reconhecendo o autoconhecimento (o qual inclui o conhecimento do próprio corpo) como requisitos à formação para a cidadania, observa-se que todas as dificuldades

inerentes à compreensão do corpo encontram-se presentes no processo educativo. Alunos e professores são igualmente interpelados pelas cobranças sociais bem como pelas diversas fontes de informação que interferem na construção e/ou manutenção de suas representações do corpo e em sua corporalidade.

Pesquisar as representações de corpo junto aos professores do ensino fundamental torna-se relevante à medida que são eles que estão em permanente contato com os estudantes em um período crítico de suas vidas, pois as mudanças corporais características desta fase do desenvolvimento geram angústias, bem como a necessidade de informação/compreensão destes processos corporais.

Também é preciso considerar que a escola se configura como uma das fontes mais consistentes de informação e conhecimento para os alunos, sendo não só o professor de ciências, mas todos os professores, profissionais para as quais os alunos poderão recorrer em momentos de dúvidas e indecisões. Também se acredita na possibilidade de que estas representações influam na prática pedagógica do professor de ciências (SHIMAMOTO, 2004), bem como nos discursos articulados por professores de outras disciplinas quando solicitados a falarem sobre o corpo e “assuntos correlatos”. Denominamos por “assuntos correlatos” o uso de drogas, gravidez precoce, e outros relacionados com a sexualidade, que também podem ser caracterizados como “temas transversais” sobre os quais todo professor deveria estar apto a discorrer.

Compreendendo as representações do corpo como concepções de caráter pessoal, que nascem da experiência (subjetiva) dos indivíduos com seus corpos (corporalidade), sendo acrescidas de valores e significados que a cultura investe no corpo, vê-se a possibilidade de que alunos e professores, ao falarem (ou silenciarem) sobre o corpo humano na escola e nas disciplinas específicas, o façam a partir de sua experiência pessoal de viverem seus próprios corpos.

Para investigar estas representações, foram entrevistados individualmente 14 professores, com tempo de docência entre três e 22 anos, de duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Bauru, cidade situada no interior do Estado de São Paulo, abrangendo todas as disciplinas previstas

para o ensino fundamental (TALAMONI, 2007). Nestas entrevistas foram realizadas duas perguntas que tinham por objetivo favorecer a comunicação das representações corporais dos professores, bem como levantar os assuntos/conhecimentos correlatos ao corpo que, na perspectiva deles, seriam relevantes para a formação de seus alunos. As entrevistas individuais foram, portanto, orientadas pelas seguintes questões: 1) como você definiria o corpo humano?; 2) quais as informações a respeito do corpo você considera indispensáveis ao domínio do aluno ao final do ensino fundamental? Os resultados foram analisados a partir de técnicas específicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), culminando em três aspectos a partir dos quais o corpo pode ser pensado, ou melhor, representado.

### **Resultados e discussão**

Dos 14 professores entrevistados, 11 depoimentos expressaram opiniões pessoais/subjetivas acerca do corpo, seja relacionando-o ao processo de ensino e aprendizagem, ou ainda, elaborando respostas nas quais ele é pensado dentro de um sistema de valores morais e/ou religiosos. Destas 11 respostas, sete apresentaram uma visão metafísica/religiosa do corpo referindo-se a ele enquanto “depositário”, “estrutura” ou “morada” da mente, de uma alma ou espírito: “(...) *ele é a nossa estrutura, tudo o que nós somos... é o que nos carrega, é a nossa morada...*”; “*o corpo é um conjunto de ossos, músculos, é... todo um sistema integrado, com uma alma*”.

O corpo, enquanto instrumento “dado por Deus”, deve ser cuidado e preservado, sendo papel do professor estabelecer esta relação: “(...) *olha, você tem um corpo, todo um mecanismo, todo um organismo que funciona sozinho, mas em função de um ser superior (...)*”; “*enquanto ciência, ele é o nosso aparelho para a nossa vida, para a subsistência no mundo (...) mas ele deve ser bem cuidado porque ele foi dado por Deus, a nós*”. Em sua concreticidade, expressa “*o que somos na alma*”, sendo também um “*instrumento de vida*” já que é ele que possibilita a realização das intenções humanas.

A fala sobre o corpo pareceu evocar nos sujeitos entrevistados uma linguagem religiosa, enquanto a visão metafísica do corpo relacionou-o a uma

gama de valores a partir dos quais é preciso desenvolver uma série de práticas e cuidados relativos à saúde e higiene. Observou-se que independentemente do professor estar provido ou não, de uma linguagem ou conhecimentos fundamentados cientificamente acerca do corpo, são expressas relações entre corpo/ saúde, e corpo/ cuidado. Os conhecimentos veiculados pela escola, do ponto de vista do professor, devem cumprir a função de prover o aluno das informações necessárias ao auto-cuidado.

Apenas nos depoimentos de uma professora de ciências e de um professor de história, constatou-se uma definição científica do corpo, sendo estas embasadas pelas disciplinas específicas de conhecimento de cada um. A professora de ciências utiliza uma linguagem científica para definir o corpo humano, dispondo de termos como “sistemas”, “células” e “unidade”, enquanto o docente de história remeteu à Teoria do Corpo Social de Durkheim associando o funcionamento da sociedade com o corpo humano. Este professor ainda apresentou uma concepção do corpo enquanto instrumento para o trabalho salientando a importância da força física nas relações de poder que se estabeleceram a partir do tráfico negreiro.

Nove dos 14 professores apontaram para a necessidade dos alunos saberem como cuidar de seus corpos, o que só é possível quando estes estiverem de posse de certos conhecimentos ou informações que devem ser proporcionados pela escola, ao longo do ensino fundamental. Estas informações ou conhecimentos são considerados pelos professores como os mais importantes para a vida dos alunos, e incluem um grande número de práticas ou hábitos corporais que devem ser adotados, e tantos outros, que devem ser evitados: *“até o final do ensino fundamental, ele deve ter noções de higiene, saber preservar o corpo... não é só passar, mas é preciso ensinar que alguns cuidados fazem bem à saúde (...) precisam se cuidar, ter cuidado com as doenças, com gravidez, e ter a consciência de que o corpo é uma responsabilidade deles”*; *“(...) a questão da saúde é importantíssima! A boa alimentação, o dormir, a parte física, saber como funciona o organismo, sobre os limites do corpo, até onde ele pode chegar e a importância de se manter saudável”*.

Dentre as práticas corporais mais citadas, observa-se a alusão à higiene pessoal cuidados com o sono e alimentação, e ainda, *“abster-se das*

*bebidas alcoólicas, das drogas lícitas e ilícitas*". Os conhecimentos evocados pelos professores são aqueles que justamente devem ter utilidade para a vida cotidiana do aluno. Quase sempre obedecem a um sistema de causa e efeito, o que do ponto de vista discursivo os tornam "mais eficazes".

No entanto, ao procurar nos discursos dos professores, as argumentações científicas que poderiam endossar estas relações, qualificando o conhecimento, foi possível constatar justamente a falta de fundamentação teórico-científica, sendo os discursos, embasados e evocados por juízos de valor (o professor fala daquilo que ele, particularmente, considera importante), altamente subjetivos. Estas falas não possuíam *a priori* nenhuma relação com conteúdos/conhecimentos científicos previstos e/ou obrigatórios para o ensino fundamental, ocorrendo em praticamente todos os depoimentos, a não ser pelo da professora de ciências que ressaltou a importância de se aprender sobre a "célula".

Neste encaminhamento, a professora de ciências caiu no outro "extremo", ou seja, na abordagem cartesiana do corpo, privilegiando apenas o conteúdo, sem prever uma articulação entre os mesmos e sua relevância para a vida dos alunos. A mesma ainda fez menção sobre o trabalho acerca do sistema reprodutor feminino, masculino e sobre a sexualidade, que também são conteúdos previstos para a 7ª série, na qual leciona: *"eu acredito que quando eu entrar em aparelho reprodutor terei problemas... eu vou ter problemas porque os alunos são muito agitados, qualquer coisa já fazem piada (...) eu queria tirar essa concepção deles, de que o corpo é alvo de piada"*. Para ela, o simples fato de adentrar no assunto "sistema reprodutor" já seria suficiente para que as aulas se tornassem aulas sobre sexualidade, aulas estas que ela provavelmente não saberia manejar como confessa ao final da entrevista: *"a sexualidade hoje está muito ativa então alguns professores de ciências têm trabalhado o sistema reprodutor durante o ano todo. Esta seria uma tentativa de diminuir a ansiedade que eles têm, mas que, em certos grupos de aluno, pode deixar ainda mais aguçado"*.

De forma geral, constatou-se que a relevância de se abordar conhecimentos científicos relativos ao corpo humano no processo educativo, reside, para a maioria dos professores entrevistados, em uma estratégia de "sensibilização" dos alunos para com os cuidados com o corpo, que por sua

natureza “perfeita”, deve ser contemplado. Esta perspectiva impõem-se sobre a possibilidade desses conhecimentos embasarem novas práticas de autocuidado. Os argumentos utilizados pelos professores ao referirem-se à importância dos conteúdos específicos de ciências parecem ser insuficientes, já que não expressam nenhum tipo de correlação entre o conhecimento científico adquirido e a mudança de hábitos e atitudes. Pelo contrário, é possível entender que o conhecimento aprofundado acerca do corpo e de seu funcionamento “complexo e perfeito” reiteraria aquela visão mais metafísica a partir da qual somos chamados a cuidar e valorizar nossos corpos.

A “orientação sexual” - que na maioria das falas dos professores designa, ou subentende um conjunto de conhecimentos que visam prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce e o uso de drogas, constituem os aspectos/conhecimentos mais referidos pelos professores (oito dos quatorze entrevistados). Três professores ressaltaram que além dos conhecimentos acerca da fisiologia e anatomia do corpo, também devem ser abordados de forma crítica e reflexiva, ao longo do processo educativo, questões éticas e culturais, tais como os padrões de beleza socialmente impostos e o desenvolvimento de determinados comportamentos corporais *a priori* socialmente aceitáveis e/ou desejáveis: “o aluno necessita desenvolver determinados comportamentos corporais, que o possibilitem competir no mercado de trabalho”; “o cuidado, a higiene pessoal, a postura, a entonação de voz, a maneira de se sentar, de se vestir (...) tudo isso, amanhã, quando o aluno for buscar emprego, vai fazer diferença”; “(...) o aluno tem que saber se comportar, ter limites, para saber, quando for arrumar emprego, que tem uma hierarquia, que tem que respeitar os outros”.

Estas falas remetem à questão da disciplina dos corpos, que, começando no processo educativo visam prepará-los para interagir com a malha social, bem como participar do “mercado de trabalho”. Para tanto, é necessário, na perspectiva dos professores, que o aluno saiba que existem hierarquias das mais diversas ordens, como as sociais e/ou as de poder, e que “o seu lugar” é determinado, inclusive, pela postura corporal que deve adotar. O disciplinamento do corpo na escola seria, portanto, o preparo para os indivíduos disciplinados no trabalho.



## **Considerações finais**

Muito se fala acerca do objetivo maior da educação, que consistiria na formação para a cidadania. Formar para a cidadania significa incluir o indivíduo, através da escola e do compartilhamento dos conhecimentos socialmente e historicamente acumulados pela humanidade, preparando-o assim para exercer de forma consciente, seus direitos e deveres. Para tanto, cabe à escola e aos seus professores proporcionar a estes indivíduos, condições de autoconhecimento, o que perpassa pelo conhecimento de seus próprios corpos em suas múltiplas dimensões.

O acesso às representações corporais dos professores do ensino fundamental investigados neste trabalho evidenciou a prevalência de discursos cartesianos e também metafísicos acerca do corpo humano. Pelas dificuldades que a temática suscitou, pelos silêncios e as reticências ao longo das entrevistas, observou-se que existe uma dificuldade generalizada na produção de um discurso acerca do corpo, o que se torna ainda mais acentuado quando os indivíduos são solicitados a falarem sobre seus próprios corpos.

Os discursos metafísicos, assim como os cartesianos, encerram a problemática, ou ao menos, a questão da percepção corporal, preservando, ou ainda negando, a relação íntima, subjetiva e emocional que nutrimos para com nossos corpos. No entanto, se dispor destas representações é uma forma eficaz de encobrir o conflito, ou pelo menos a dificuldade que temos em partilhar nossas vivências corporais, o fato de encobri-lo é altamente perceptível aos alunos que subentendem também que o assunto “corpo” e suas percepções devem ser silenciados.

Assim, perpetua-se através da própria escola, uma série de conhecimentos e representações corporais que não favorecem, ou melhor, dificultam o entendimento dos processos corporais e, portanto, o desenvolvimento de hábitos e atitudes que subjacentes à eles, promovam de fato o auto-conhecimento, o auto-cuidado, a preservação e manutenção da saúde. Para além das particularidades encontradas nesta pesquisa, duas questões parecem ser cruciais: uma diz respeito à necessidade de domínio de conhecimentos científicos por parte de todos os professores, de todas as disciplinas, acerca do corpo; e outra, se refere a uma conexão que parece ser

intrínseca para os professores pesquisados, entre a posse do conhecimento e a melhoria do cuidado com o corpo, saúde e higiene.

Esta segunda questão leva a uma terceira: será mesmo que a posse do conhecimento científico acerca do corpo garante o auto-cuidado? Se, de fato esta é uma pré-condição à manutenção da saúde pública, qual o grau de comprometimento e, portanto de responsabilidade, por parte do ensino de ciências, na manutenção e garantia da saúde dos jovens de nosso país? Enfim, se os professores de ciências visam a educação de seus alunos para o exercício da cidadania, necessitam, porque de posse de um conteúdo fundamental – seja ele o corpo humano – proporcionar um maior entendimento acerca do mesmo, já que o auto-conhecimento figura numa das maiores implicações na formação de qualquer cidadão que se pretenda livre, crítico, engajado e feliz.

### **Referências bibliográficas**

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Martins Fontes, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais** (quinta a oitava séries). Brasília: MEC/SEF, 1998 a.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Temas transversais** (quinta a oitava séries). Brasília: MEC/SEF, 1998 b.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SHIMAMOTO, D. **As representações sociais dos professores sobre o corpo humano e suas repercussões no ensino de ciências naturais.** Tese (Doutorado). São Carlos: UFSCar, 2004.

TALAMONI, A. C. B. **Corpo, ciência e educação: representações de jovens estudantes e seus professores acerca do corpo humano.** Dissertação (mestrado). Bauru: UNESP, 2007. 225 p.